



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

MATHEUS ANTÔNIO ALMEIDA DA SILVA

**LIVRO-REPORTAGEM “22 DIAS NO ESCURO: A HISTÓRIA DO APAGÃO NO
AMAPÁ”**

MACAPÁ

2025

MATHEUS ANTÔNIO ALMEIDA DA SILVA

LIVRO-REPORTAGEM “22 DIAS NO ESCURO: A HISTÓRIA DO APAGÃO NO
AMAPÁ”

Memorial descritivo apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dra^a Roberta Scheibe

LIVRO-REPORTAGEM “22 DIAS NO ESCURO: A HISTÓRIA DO APAGÃO NO AMAPÁ”

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Data da aprovação: / /

Banca Examinadora

Orientadora:

Profª. Dra. Roberta Scheibe

Universidade Federal do Amapá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

S586l Silva, Matheus Antônio Almeida da.
Livro-reportagem "22 dias no escuro: a história do apagão no Amapá" / Matheus Antônio Almeida da Silva. - Macapá, 2025.
1 recurso eletrônico.
Memorial: 27 p.
Livro-reportagem produzido: 133 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá,
Coordenação do Curso de Jornalismo, Macapá, 2025.
Orientadora: Profª Draª Roberta Scheibe.
Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Apagão. 2. Livro-reportagem. 3. Amapá. I. Scheibe, Roberta, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 070.4

AGRADECIMENTOS

É com profundo orgulho e gratidão que trago estes agradecimentos a todos que de alguma forma contribuíram nesta longa e árdua jornada de estudo e produção.

Primeiramente agradeço a Deus, por toda a inspiração e sustento que me foi concedido em imensa graça até a última letra que escrevo aqui.

Agradeço a minha família, tanto a que me deu base e forças no início de minha jornada quanto ao amor de minha vida com o qual hoje tenho uma nova família, ao seu lado.

Agradeço a todos os professores do curso de Jornalismo da UNIFAP, que formaram o que sou como profissional, em especial a minha orientadora, Profa. Dra. Roberta Scheibe, que pacientemente me ensinou o que sei sobre a redação jornalística e me ajudou a concluir este trabalho.

Matheus Antônio

RESUMO:

Este memorial descreve a produção do livro-reportagem que relata o período do apagão no Amapá, onde por volta de 22 dias 13 municípios do estado sofreram com falta e racionamento de energia elétrica. A base teórica deste trabalho trás referências como Edvaldo Pereira Lima, Nilson Lage e Ana Maria Athayde Polke para justificar a relevância deste projeto. O produto jornalístico aqui descrito reúne, além de um recorte de fatos que levaram ao apagão, uma sequência de depoimentos de cidadãos amapaenses até então anônimos e desconexos, mas que compartilham da mesma experiência conjunta em meio ao sinistro da falta de energia geral. A metodologia deste trabalho se foca nas seguintes abordagens qualitativas: pesquisa bibliográfica no memorial e entrevista como método do produto. A justificativa da existência deste projeto se dá pela preservação do relato deste marco negativo na história amapaense, principalmente, concedendo palavra direta para os que vivenciaram as dores de um período sofrido para toda uma população.

Palavras-chaves: Apagão, livro-reportagem, Amapá, relatos, jornalismo.

ABSTRACT:

This memorial describes the production of a book-report that recounts the blackout period in Amapá, during which, for approximately 22 days, 13 municipalities in the state suffered from power outages and electricity rationing. The theoretical foundation of this work draws on references such as Edvaldo Pereira Lima, Nilson Lage, and Ana Maria Athayde Polke to justify the relevance of the project. The journalistic product presented here brings together not only a selection of key events that led to the blackout but also a series of testimonies from previously anonymous and unconnected citizens of Amapá, who share a common experience during the energy crisis. The methodology of this work focuses on the following qualitative approaches: bibliographic research for the memorial and interviews as the primary method for the product. The justification for this project lies in preserving the account of this negative milestone in the history of Amapá, primarily by giving direct voice to those who experienced the hardships of a time that deeply affected an entire population.

Keywords: Blackout, book-report, Amapá, testimonies, journalism

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO:</u>	<u>8</u>
<u>2 REFERENCIAL TEÓRICO:</u>	<u>10</u>
2.1 O JORNALISMO E SUA EXECUÇÃO	10
2.2 O LIVRO REPORTAGEM	11
2.3 CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM	13
2.4 O APAGÃO	15
<u>3 METODOLOGIA:</u>	<u>18</u>
<u>4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO:</u>	<u>21</u>
<u>5 CONCLUSÃO:</u>	<u>25</u>
<u>6 REFERÊNCIAS:</u>	<u>27</u>

1 INTRODUÇÃO:

No ano de 2020, o estado do Amapá foi vítima de uma catástrofe energética sem precedentes na região. No dia 3 de novembro, um acidente de falha mecânica na subestação de Macapá, capital do estado, resultou em uma explosão seguida de incêndio e destruição de um dos transformadores principais que abasteciam a rede elétrica do estado. Este memorial refere-se ao livro-reportagem intitulado “22 dias no escuro: a história do apagão no Amapá”, produto de Projeto Experimental realizado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Durante o referido período em que a calamidade do apagão se instaurou no estado, a vida dos cidadãos amapaenses foi completamente desordenada, uma lista interminável de intempéries, inconvenientes e insalubridades passou a se fazer presente de forma permanente. Coisas que outrora poderiam ser consideradas preocupações esporádicas ou acontecimentos imprevistos, como a falta de sinal de internet e telefone ou a perda de alimentos refrigerados, tornavam-se naquele período a norma padrão, o cotidiano.

Uma tragédia que durou quase um mês e se fez um trauma comunitário à população amapaense, além de um marco contemporâneo de sua história. Tamanha gravidade e importância deste acontecimento se desdobrou das mais variadas formas mesmo após sua conclusão direta, seja com as consequências jurídicas e econômicas da crise energética, seja na infraestrutura de distribuição que foi revisada em larga escala, ou mesmo no psicológico fragilizado das pessoas em recuperação pós-trauma. Estas consequências evidenciam a possibilidade e necessidade do estudo e trabalho social e acadêmico em torno do fato, e no âmbito da comunicação social, faz-se necessária a atividade vital da comunicação em dar voz ativa ao povo.

Não se contendo apenas ao relato dos fatos e seus desdobramentos técnicos que na grande mídia já foram amplamente divulgados e trabalhados, o produto aqui descrito mira seu foco inteiramente para o ponto de vista da população afetada pela calamidade, recolhendo o relato de indivíduos que sentiram na prática cada dificuldade dos dias do apagão e dando-lhes uma voz que normalmente seria deixada de lado conforme o passar dos anos, em um cenário midiático onde os fatos diretos tem a prioridade do foco dos registros.

O trabalho textual do livro-reportagem, tema deste memorial, busca se aprofundar inteiramente nos aspectos humanos, práticos e psicológicos de quem vivenciou o apagão como

cidadão comum, indivíduos que se viram lesados por aquela realidade, e nisto, busca ilustrar um recorte realista, literal e humanizado da pergunta – problemática do livro-reportagem – de “como se deu a sobrevivência naqueles dias? Como foi passar pelo apagão”. Deste modo, este memorial procura responder a pergunta - problemática do memorial: qual o melhor formato de reportagem para dar vazão a este recorte realista, literal e humanizado desta tragédia social?”

Além disto, a escolha do formato e linguagem específicas do livro-reportagem busca ir ao encontro do foco no registro de relato humano, pela ótica do cidadão como personagem central do evento crítico e um aprofundamento imersivo no seu cotidiano e vivências mediante ao fato, portanto, textos convencionais pareciam limitar a proposta a algo mais conservador e resumido, e o necessário era exatamente o contrário: em vez de resumir, destrinchar a realidade do cidadão naquele momento.

Um livro-reportagem permite um volume de conteúdo extenso, liberdade criativa de um texto literário e profundidade do detalhamento psicológico e literal dos fatos, sendo assim possível traduzir o peso dos acontecimentos e das ações do cidadão comum que conseguiu lidar com aquelas circunstâncias com os seus limitados recursos e em meio ao colapso do dia-a-dia de uma sociedade enraizada na dependência elétrica.

O objetivo geral deste trabalho é produzir uma narrativa testemunhal sobre a vivência popular do apagão. Os objetivos específicos são: dar voz a indivíduos sem alcance midiático amplo; ilustrar cronologicamente a ordem de acontecimentos inerentes ao apagão ao longo de sua duração; listar ferramentas e hábitos adotados pela população para sobrevivência neste período e mostrar as consequências psicológicas do acontecido, como o abatimento sentido e a apreensão dos dias.

A entrevista será empregada como principal método do produto e resultou em peça chave no desenvolvimento do livro-reportagem, sendo a forma utilizada para recolher o depoimento testemunhal dos cidadãos que se tornaram personagens da narrativa escrita no trabalho. Junto à entrevista que foi o centro do conteúdo do livro-reportagem, houve também uma intensa pesquisa em fontes jornalísticas de notícias do fato, para que os detalhes técnicos do acontecimento pudessem ser esclarecidos, sendo assim base dos depoimentos dos entrevistados, assim como para organizar de forma cronológica os fatos e desdobramentos do apagão, complementando cada testemunho e fazendo com que haja sentido conector nas múltiplas entrevistas de pessoas que se voluntariaram a participar do livro.

O acontecimento do apagão, inclusive, foi ponto impactante na vida pessoal do autor deste trabalho, o que justifica a produção do livro-reportagem. Membro de uma família de autônomos que vivenciou e testemunhou de forma direta a dificuldade e as sequelas daquele período de decadência no modo de vida e fontes de renda, até mesmo pequenas quedas de energia nos dias atuais trazem à tona a memória traumatizante e vívida daqueles dias. Então, como membro da comunidade que mais merecia voz naquele momento e um entusiasta da literatura desde mais novo – que inclusive, sempre teve o sonho de produzir um livro jornalístico, carreira de sua vocação – a escolha pelo tema e formato se deu da forma mais natural e certa possível.

2 REFERENCIAL TEÓRICO:

Neste tópico, será apresentada uma visão geral sobre jornalismo e a forma como o ofício é executado nos dias atuais, em um tópico baseado nas contribuições de Nilson Lage e Jorge Pedro Sousa. Em seguida, é detalhado o conceito do produto livro-reportagem em si referenciando Priscila Oliveira, Beatriz Vilardo, Fernando Lopes da Silva, Daniel Padilha Pacheco da Costa e Adriana Oliveira. Logo depois, as características do livro-reportagem à luz da obra de Edvaldo Pereira Lima, e após, uma visão geral do apagão conferindo a obra de Jadson Porto, José Tostes e Andréa Gomes.

2.1 O jornalismo e sua execução

O jornalismo moderno, como técnica e ofício, atravessou mudanças bruscas em suas abordagens. Segundo LAGE¹ (2001), no século XX, o jornalismo era pensado em sua execução de forma semelhante à de fabricas no modelo do *taylorismo*, onde as funções eram divididas de forma extremamente específicas para buscar a excelência em cada campo.

A redação ficava no encargo exclusivo dos redatores, as pautas com os pauteiros, as revisões com os revisores, a diagramação com os diagramadores e por aí vai. Entretanto, com a revolução tecnológica dos computadores pessoais próxima à virada do século XXI, o jornalista como profissional teve suas funções expandidas à medida que a divisão foi sendo diminuída.

No mundo contemporâneo, o jornalista executa todas as funções que forem cabíveis em sua alçada de acordo com as matérias que ele produz, sendo a figura do repórter como o resumo primordial do jornalismo: ele apura, escreve, edita, e o que mais for necessário. Semelhante ao modelo de fábrica do *Toyotismo* — "Para adequar-se a este modelo, o operário deve ser versátil e interessado pela totalidade do processo de produção. Também o jornalista." (LAGE, 2001, p. 8). Tal reflexão, inclusive, foi declarada em 2001, bem antes de artifícios como a Inteligência Artificial surgirem para dar suporte — ou em alguns casos e etapas até mesmo tomar lugar — ao jornalista. Entende-se, então, a figura do jornalista com semelhanças a de um autor, cuja responsabilidade abarca a maioria das etapas da obra.

Inclusive, no mundo contemporâneo do século XXI onde o auxílio do computador é cada vez mais acessível, “cada jornalista tem de saber escrever, fotografar, filmar, captar som, elaborar infográficos, diagramar e paginar e usar software para fazer tudo isso” (SOUZA, 2008, p. 194), ou seja, a realidade do jornalista multitarefas se torna ainda mais concreta, de forma que os aparelhos eletrônicos atuais colocam a figura pessoal do repórter na posição de operador de uma pequena redação de jornal. Essa possibilidade, entretanto, no mercado moderno, torna-se regra.

2.2 O livro reportagem

O termo livro-reportagem é a denominação de um amplo conceito que pode ter uma interpretação de múltiplas visões possíveis, mas existem diretrizes importantes que o definem de forma mais precisa. Entre elas, a mais visível e predominante em sua percepção é o fator de que se trata de uma obra que transita entre o jornalismo e a literatura

Tal narrativa possibilita um aprofundamento, um envolvimento maior do leitor com a história, numa vazão do jornalismo a vertentes literárias, sem deixar de reportar ou apurar determinada notícia. O livro-reportagem atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. É daí que emana a sedução e emoção desta obra jornalística, e, ao mesmo tempo, literária. Ampliam-se, não só as páginas escritas, mas também, o contato entre a reportagem, o jornalista e o leitor. A obra jornalístico-literária desmonta a ideia de que não se pode fazer um jornalismo literário, sob a égide

da velha discussão, do que é jornalismo e o que é literatura. Não existem barreiras, mas sim, uma apropriação técnica entre ambas. (OLIVEIRA, 2006, p. 5)

Contar uma história e abraçar o tom literário de se transmitir os fatos enquanto estes mesmos fatos nada mais são do que um retrato verossímil da realidade torna-se então o cerne do livro-reportagem como experiência e conceito.

A ideia de livro-reportagem também encontra uma criativa e inovadora forma de encarar e praticar o jornalismo, no momento em que inverte sua posição tradicional de subserviência tornando o que outrora seria produto (a literatura) em forma.

Assim sendo, a lógica, antes vigente, é invertida: o jornal deixa de ser um espaço feito para a literatura (como os folhetins, por exemplo) e esta se transforma em suporte para o que antes lhe garantia prestígio. Não só os meios se transformaram e inverteram os papéis, também os profissionais seguiram o mesmo sentido. Se antes os literários exerciam a função dos jornalistas, hoje são os jornalistas que publicam livros. São os chamados jornalistas-autores. (VILARDO. 2020, p. 56).

Esta ampliação de abordagens e visões do que pode ser considerado jornalismo ou o que pode ser considerado jornalista é uma camada enriquecedora que o jornalismo em forma de livros pode adicionar tanto à discussão do jornalismo quanto à formação de praticantes de comunicação cada vez mais abarcados de bagagem acadêmica e filosófica.

O uso da ciência literária expande as possibilidades práticas do jornalismo e suas abordagens diretas sobre os fatos — como exemplificado mais à frente no trabalho aqui descrito — e alcança novos níveis tanto horizontal quanto verticalmente de aprofundamento, mas não apenas isto, como também coloca o jornalista e pesquisador em uma nova posição de atuação e preparo, tornando-o escritor tanto quanto jornalista e trazendo consigo toda a bagagem que um praticante da literatura deve portar.

Estas exigências novas proporcionadas pelo cenário da literatura como subgênero do jornalismo formam um produto e um autor que, por obrigação da função, desbravam campos de conhecimento — e o destrincham para aplicação — cada vez mais variados, oferecendo assim também uma base de conteúdo que enriquece a experiência da leitura da reportagem em níveis cada vez mais complexos e recompensadores.

Vale ressaltar que, além disto tudo, a própria habilidade matriz do jornalista em traduzir os fatos e informações de qualquer campo, tempo ou espaço em uma narrativa ou descrição palatável e compreensível à todos os públicos, aprimora-se ainda mais no jornalismo literário, pois também é necessário ao jornalista e autor a expertise em converter o fato à linguagem

narrativa literária, muito mais robusta e específica, ou seja, muito mais exigente principalmente para quem busca clarear as complexidades ao público, que é o papel e função natural do jornalista seja de qual seguimento ele pertença.

O livro-reportagem, num contexto mais localizado ao Brasil, também pode ser visto como:

Portanto, o livro-reportagem pode ser considerado como um tipo de reportagem jornalística que, expandindo as necessidades por informação da sociedade democrática inaugurada no Brasil pela Constituição de 1988, oferece alternativas complementares às reportagens jornalísticas publicadas em jornais, sejam eles impressos ou digitais. Foi justamente nessa época que se deu a sua constituição como um formato reconhecível no mercado editorial que, com frequência, registra níveis significativos de vendas. (SILVA, COSTA, 2018, p. 15)

Entendemos assim, o livro-reportagem no contexto brasileiro, como uma expansão ainda mais detalhada e completa de reportagens convencionais, onde os fatos sociais podem ser complementados com abordagens que apenas nele são possíveis.

O livro-reportagem, como ideia e produto, pode ser resumido também como a mescla de elementos e forma literários com a essência de retratação da realidade jornalística, tal qual cita Adriana Oliveira e Zilá Bernd (2021, p. 3): “É possível a aproximação das duas áreas com um trabalho que utiliza recursos de ambos os lados, que resultam em textos com mais detalhes e de facilidade de leitura, mas que ao mesmo tempo têm o compromisso com a verdade”, ou seja, a mistura de características do jornalismo e da literatura forjam o jornalismo literário.

2.3 Características do livro-reportagem

Através de Edvaldo Pereira Lima (1993), somos apresentados às conceituações básicas deste formato de reportagem e suas bases que fundamentam sua intercessão entre as áreas do jornalismo e da literatura, tornando este formato uma linha de cruzamento entre estas áreas do conhecimento assim absorvendo características das duas fontes. Entende-se que, mesmo se tratando de uma obra literária, um livro, o livro-reportagem diferencia-se das demais obras que pendem para exclusivamente a área literária por conter divergências essenciais.

Estas divergências, ainda segundo LIMA (1993), começariam no primeiro fator de distinção: seu conteúdo. As obras da literatura convencional concentram-se em sua maioria na representação de obras ficcionais ou transcrições de pensamentos e opiniões exclusivamente pessoais, focando-se inteiramente no indivíduo autor ou suas criações fictícias, enquanto um

livro-reportagem volta-se objetivamente ao factual e tem a responsabilidade de trazer representações e visões embasadas com cerne no acontecimento real, verídico e apurado. Até mesmo citações e representações opinativas ou interpretativas que venham a ser introduzidas no livro-reportagem carregam o compromisso com o foco no fato central ratado e buscam não fugir do mesmo como temática guia.

O segundo fator refere-se ao tratamento do fato elaborado pela obra em questão. No livro-reportagem, a linguagem que se é utilizada para desenvolver a escrita de suas informações é que mais se assemelhe ao tratamento de texto que um veículo jornalista utilizaria, isto é, abarcando em sua linguagem algo que pudesse ser apresentado ao meio formal de divulgação e ao mesmo tempo possa ser apresentado à população em geral independente de seus níveis de instrução linguística, sendo uma comunicação que traduza os fatos em dicções entendíveis e apreciáveis à qualquer pessoa.

Entretanto, por mais que o polo jornalístico do conceito de livro-reportagem estabeleça um padrão que seu texto deve seguir, a parte literária que compõe a dualidade desta obra abre uma margem de liberdade textual, onde aqui se faz um ponto chave na escolha deste formato para este trabalho em questão: para elucidar todas as ideias que foram pensadas para o trabalho, tais quais o aprofundamento psicológico e narrativo, a construção cronológica sequencial, o uso de metáforas e análises que aumentassem a imersão do leitor e até mesmo pontuais trocas de terceira para primeira pessoa em alguns momentos; foi necessária a liberdade do texto literário, essa liberdade textual foi um dos grandes pilares na escolha do formato do livro em questão, uma escolha que possibilitaria o alcance da porcentagem total do potencial das ideias planejadas para esta reportagem.

A terceira característica do livro-reportagem como conceito e que também foi peça chave na escolha do formato e na condução da execução do trabalho aqui descrito fala sobre a função do livro-reportagem e sua relação com o tempo e atualidade do fato retratado.

Ao aprofundarmo-nos no fato em uma imersão mais densa tanto na verticalização quanto na horizontalização dos fatos — pois tanto se buscou o aprofundamento detalhado dos relatos e discussões centrais quanto traçou-se uma cronologia de fatos anteriores e posteriores ao evento crítico extensiva o bastante para o abranger por inteiro —; e também ao utilizarmos de nosso foco nos depoimentos de vivências populares que ampliaram as facetas e pontos de

vista de cada tópico do fato geral; alcançamos um “*jornalismo diversional*” (LIMA, 1993, p. 31) que abraça tanto o informativo quanto o opinativo e principalmente o interpretativo.

Então chegamos às diretas bases da escrita do livro-reportagem, importadas da literatura. Lima (1993, p. 113-125) as descreve seguidamente, e iniciando pela narração. A narração em si é dissecada em conceitos mais certos e que norteiam a forma de escrita: a situação, unidade básica do acontecido em momentos; a interpretação, que é a reação e sentimento dos envolvidos; e o ambiente, que é o contexto físico e ambiental desta situação.

Uma vez que a narrativa estruturar-se de forma tão precisamente ilustrativa assim, chegamos à próxima base, que é a descrição. Nela, importamos desta vez a descrição, que é a ilustração direta dos objetos, personagens e formas de cada momento e situação de forma particular, atenta, e organizada dentro do contexto. Em complemento a tudo isto, temos a base do ponto de vista, onde a figura neutra e abrangente do jornalista da reportagem convencional dá lugar à óticas de narração que podem ser ou não dele — ou de um personagem —, sob forma de guia da ótica do próprio leitor, ou seja, existe um ângulo de abordagem do fato.

Entre estas principais bases, a que amarra e aplica coerção à todos estes fatos é a forma de edição da reportagem semelhante à engenharia de um livro: a montagem de cada peça textual com suas “engrenagens” visa montar uma linha ilustrativa do acontecido, tal qual um livro é reconhecido.

Uma vez que este ponto é alcançado, dentro da liberdade textual do livro-reportagem, o fator da atualidade perde espaço como critério absoluto na importância do fato e torna-se apenas uma contextualização, e uma vez que este cenário é encarado dentro de uma abordagem de um acontecimento de anos atrás, a extensão do aprofundamento tanto literal — no tamanho em si da reportagem — quanto em conteúdo — considerando o aprofundamento das abordagens de escolha do livro — consegue diminuir a relevância da necessidade da atualidade do texto, entrando em concordância mais uma vez com critérios caracterizadores citados por Ednaldo Pereira Lima, e ressaltando a importância da escolha do formato livro-reportagem para o trabalho aqui mencionado.

2.4 O apagão

No dia 3 de novembro de 2020, um acidente na subestação de energia de Macapá que recebia energia do SIN (Sistema Interligado Nacional) causou uma falha no abastecimento

energético que afetou quase todo o território do Amapá. 13 dos 16 municípios do estado encontraram-se desabastecidos de energia na noite daquele dia. O acontecimento não só se configurou como um evento isolado e inconveniente, que causava abalos na rotina dos moradores do estado à larga escala, mas também revelou uma fragilidade crítica no fornecimento e suporte de um elemento tão crucial para o modo de vida contemporâneo e tornou-se uma calamidade pública complexa e não solucionável à curto prazo.

A crise no sistema energético do Amapá abalou a ordem pública no estado do Amapá, ao expor a população as dificuldades apontadas no decorrer do texto: a falta de água, falta de alimento, falta de combustível, além do agravamento da crise sanitária gerada pela pandemia do covid-19, entre outros problemas, que afetaram não só a tranquilidade a paz social, mas também a salubridade da população amapaense (PORTO, Jadson *et al*, 2021, p. 109).

O apagão, mais do que um acidente pontual e rotineiro, marcou um evento social, e deve **ser** enxergado muito além dos 22 dias de novembro que se iniciaram com o acidente na subestação e se sucederam até o restabelecimento total do abastecimento de energia. As causas e efeitos em torno do acontecimento se iniciaram em uma atmosfera de descaso e irresponsabilidade de muito tempo antes do acidente, e suas consequências e desdobramentos reverberaram por muito tempo depois do fim oficial do apagão e em muito mais esferas além da infraestrutura.

A falta de energia elétrica durante 21 dias no estado do Amapá foi gerada por uma série de falhas e omissões das empresas e órgãos do setor elétrico. Os citados no processos, estão envolvidos diretamente, tanto nas etapas de fornecimento de energia – geração, transmissão, distribuição e consumo –, quanto na criação de normas, acompanhamento e na fiscalização do setor. (G1, 2025)

Revelado em inquérito da Polícia Federal, a origem principal do apagão foi o fato de o terceiro dos transformadores, chamado de transformador de *backup*, estar inativo no momento da sobrecarga acidental daquela noite, pois se o mesmo estivesse ativo naquele momento, a falha seguida de incêndio do primeiro transformador iria desligá-lo (o que de fato ocorreu) e o transformador de backup o substituiria, trabalhando em conjunto com o outro transformador (o terceiro, que estava em atividade no momento junto ao primeiro). Como isso não ocorreu, o

segundo transformador teve de operar sozinho a carga bruta de energia que vinha para a subestação, sobrecarregando este.

O inquérito revelou ainda que, quando o primeiro transformador pegou fogo, "automaticamente o segundo deveria entrar em funcionamento para trabalhar em conjunto com o terceiro", mas ele estava em manutenção. Assim, apenas o terceiro transformador de energia ficou com toda a carga e terminou superaquecendo. (Cidade Verde, 2021)

Ainda sobre resultados do inquérito, a sobrecarga fez com que o transformador se desligasse, em um recurso de autopreservação emergencial, para que o próprio não entrasse em curto-circuito e danificasse de vez. E o motivo para que o transformador de *backup* não estivesse ativo naquele momento, onde mais era necessário, foi justamente a falta de fiscalização e manutenção de sua estrutura, que estava danificada desde o ano anterior.

Esta fragilidade inadmissível ocasionadora do apagão foi reflexo de uma ineficiente gestão privada na manutenção da subestação, afinal durante o período do apagão a administração do abastecimento elétrico amapaense estava sob o comando e responsabilidade da empresa privada *LMTE* (linhas de Macapá Transmissora de Energia), propriedade da *Gemini Energy*. Entretanto, também destaca-se a falta de fiscalização do poder público em identificar e cobrar soluções ao problema com antecedência, além da demora na solução definitiva uma vez que o apagão havia começado.

Enquanto não se resolvia o problema, sistema de rodízio energético foi implantado (sendo registrados vários casos de queima de equipamentos quando a energia chegava); No aspecto político, foi reconhecida a situação, inicialmente, como “estado pelo Governo estadual e posteriormente como “estado de calamidade” pelo Ministério de Desenvolvimento Regional; vários conflitos sociais e políticos, crises econômicas foram amplamente registrados tanto pela mídia escrita, televisiva, social mostrando diversas faces desta crise especializada no território amapaense; liberação de R\$ 21,6 milhões para aluguel de 37 turbinas termoelétricas para a geração de energia de até 150 MW¹¹. Este sinistro foi o que obteve o maior tempo de ocorrência dos apagões no Brasil. Enquanto os casos enfrentados no centro sul brasileiro eram resolvidos rapidamente, em no máximo 3 dias, o caso amapaense, durou 21. (PORTO, Jadson *et al.*, 2021, p. 25)

Com esta soma de descasos e inconsistências administrativas, o período do apagão se estendeu de forma ainda mais caótica nos dias que se seguiram em aguardo da reparação dos danos.

3 METODOLOGIA:

O presente livro-reportagem é uma obra jornalística com elementos de natureza literária. Nota-se o fato principalmente em seu uso de linguagem. Como citado por Nilson Lage:

Aqui, as proposições principais dão conta de transformações, deslocamentos ou enunciações (a notícia); de conjuntos complexos de fatos (as coberturas); ou se formulam a partir de acontecimentos (a reportagem interpretativa, o artigo). A explicação ou definição dos termos aparece como apostrofo, ou como período intercalado como único objetivo de permitir a compreensão do conteúdo. (LAGE, 1986, p. 30)².

Debruçando sua narrativa sobre um grande acontecimento e sua soma complexa de fatos envolvidos, e restringindo os deslocamentos linguísticos não-recomendados pela norma padrão apenas à melhor ilustração dos elementos citados, o texto escrito adapta a essência jornalística à sua forma literária — trata-se do domínio da referencialidade citada por Lage (1986).

Quanto à sua classificação como livro-reportagem, Edvaldo Pereira (1993, p. 46) indica características e divisões temáticas que podem encaixar a obra aqui citada. Primeiramente, o livro se enquadra quase que completamente na categoria de livro-reportagem história,

Focaliza um tema do passado recente, ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados. (LIMA, 1993, p. 46)

Aqui, um fato do passado recente — neste caso, o apagão no Amapá ocorrido em 2020 — é estudado e ilustrado em detalhes, situando e elucidando ao leitor o período do ocorrido e o fato em si, desde suas origens até seu desenvolvimento e por fim sua conclusão. O conectivo presente são as consequências jurídicas e midiáticas que até o presente momento continuam a acontecer, como a recente ação da MPF que pede 70 bilhões em indenização pelo apagão a

² O livro mencionado de Nilson Lage – Linguagem Jornalística – está disponível gratuitamente no site do autor – Observador do Mundo – onde foi consultado, entretanto, a informação da edição não está disponível no arquivo. Consta data de lançamento da obra.

entidades responsabilizadas. “O Ministério Público Federal no Amapá ajuizou uma ação que responsabiliza entidades públicas e privadas pelos danos causados durante o apagão que afetou 13 dos 16 municípios do estado, em novembro de 2020.” (G1, 2025)

Entretanto, também podemos encaixar a obra aqui trabalhada em outra categoria, possibilidade esta que o próprio autor das categorias, Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 45), admite existir mediante a variedade de formas e conteúdos possíveis em um livro reportagem.

Neste caso, a segunda categoria possível para esta obra seria a de livro-reportagem depoimento, pois, na própria descrição da categoria, afirma-se que este “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada” (LAGE, 1993, p. 45) o que também pode ser interpretado como a forma com que o livro foi executado, pois o destrinchar dos fatos em torno do complexo apagão foi, em boa parte, feito com base nos depoimentos e pontos de vista de populares.

É importante ressaltar também que a mescla de vários depoimentos forma um recorte geográfico da experiência amapaense naquele período, abarcando o aspecto humano como essencial na execução da obra tanto quanto a pesquisa e registro técnico e factual exercido na parte de descrever o apagão.

Cremilda Medina (1990) define que:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA, 1990, p. 8).

Ou seja, a entrevista, utilizada no produto como método, pode ser vista como uma forma de promover o relacionamento humano, e mais especificamente, multiplicar as vozes em torno de um fenômeno ou fato e divulgar a partir disto informação, produto-chave do jornalismo. Ainda segundo Medina (1990), a entrevista promove diálogo e compreensão, assim, o tratamento da troca de informações com o entrevistado tomou uma forma mais focada na humanização do relato e investigação do contexto humano do fato. A forma em si da execução da entrevista, de forma mais técnica, se deu no formato semiestruturado, onde as perguntas são

² O livro mencionado de Nilson Lage – Linguagem Jornalística – está disponível gratuitamente no site do autor – Observador do Mundo – onde foi consultado, entretanto, a informação da edição não está disponível no arquivo. Consta data de lançamento da obra.

guias para nortear a conversa mas não prendem o depoimento em restrições, dá abertura para desdobramentos, como explicado em artigo por Daniela Diana (s.d).

Seguindo a classificação de Nilson Lage (2001), as fontes entrevistadas podem ser consideradas do tipo testemunhais, pois todas vivenciaram o sinistro e ofereceram pontos de vista acerca deste. Os relatos foram organizados na forma da pirâmide normal, literária, onde os fatos seguem de maneira cronológica para formarem uma narração coesa guardando informações importantes para mais adiante, mesmo com um título principal que resume o cerne do livro e subtítulos classificando as etapas do fato.

Lima (1993, p. 122) diz que “A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor”. A reportagem sob forma de livro importa e adapta algumas características da literatura, tornando-as jornalísticas. Entre elas estão a narração, onde utiliza-se das três etapas apontadas por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1977, p. 77) para contextualizar o texto: situação, intensidade e ambiente.

A situação é clara, o factual do apagão, enquanto a intensidade é o trabalho feito no ponto de vista de cada entrevistado e o ambiente é o cenário do estado amapaense naquelas condições precárias. Uma vez que estes três pilares estão definidos para embasar a narrativa, o texto discorre sobre. A descrição é outro elemento que parte da literatura, imobilizando objetos, cenas e atos da história relatada para um profundo detalhamento dos mesmos, guiando o leitor através das nuances físicas e psicológicas (Lima, 1993, p 115).

Outra técnica literária abraçada pelo livro reportagem é o ideal do ponto de vista, assim como Lima (1993, p 115) aponta, onde escolhe-se uma ótica dos fatos a ser abordada para poder dar forma à narrativa. Entende-se aqui o pontos e vista tanto de forma mais específica, em cada entrevistado, quanto geral; a visão do civil comum em meio ao apagão.

Por fim, o enriquecimento do conteúdo do livro-reportagem e, principalmente, o embasamento adequado para este memorial foi permitido pela pesquisa bibliográfica, onde, como citado por Polke (1972), os fatos e explicações conceituais não foram de origem inventiva humana, e sim fruto de conhecimentos obtidos e repassados anteriormente que formam a base sólida para a argumentação aqui feita.

Tanto detalhes da ocorrência do apagão quanto, principalmente, o memorial que o traz como referência, foram amplamente pesquisados em registros de toda fonte possível e confiável, mesclando os conteúdos de forma quase didática, assim alcançando um produto com conclusões coesas em suas bases e formuladas pelo autor para o caso em questão, mas com bases pré-estabelecidas.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO:

O livro-reportagem aqui retratado teve o início de sua produção no mês de julho de 2023. Naquele mês, quando a ideia de documentar o período do apagão pela ótica dos que o vivenciaram foi escolhida em definitivo, se iniciaram as pesquisas sobre o tema. Buscando entender mais a fundo a cronologia de todos os fatos que se sucederam dia após dia no período do apagão e também compreender quais foram exatamente as causas e consequências de cada momento, desde o histórico da gestão da subestação de energia, ao dia do incidente e seus efeitos posteriores.

Diversos sites de notícias foram consultados, e as informações de cada recorte dos fatos foram compiladas e organizadas com a ajuda de anotações no programa *Word Office*. Ao mesmo tempo em que estas pesquisas eram feitas, foi também movimentada a busca por pessoas que estavam no estado do Amapá durante o período do apagão.

No dia 9 de outubro de 2023, os primeiros contatos com fontes entrevistadas foram feitos. O contato se deu por via do *WhatsApp*, aplicativo de mensagens, de forma totalmente *online*. Feitas as primeiras apresentações, onde o entrevistador esclareceu o objetivo da entrevista e do produto que dela seria feito, uma série de perguntas foram enviadas para os entrevistados, que as responderiam assim que possível.

Neste dia 9, foram contatados 3 entrevistados. Foram eles Jones Silva, que na época do apagão tinha 19 anos e cursava engenharia elétrica; Ana Carolina, que no mesmo período tinha 29 anos, trabalhava na área da saúde e cuidava do filho de 5 anos; e Luana Albuquerque com 28 anos na época supracitada, que trabalhava como despachante aduaneira e morava fora do estado, mas o visitou no dia que começou o apagão. Estes três primeiros entrevistados forneciam pontos de vista interessantes de serem abordados no livro-reportagem: o de Jones sendo o de um cidadão que passou toda sua vida no estado do Amapá, o de Ana Carolina sendo o de uma mãe e funcionária da saúde que teve de experienciar o apagão ao mesmo tempo em

que trabalhava na linha de frente do combate ao COVID-19 que abalava a saúde mundial, e o de Luana Albuquerque sendo o ponto de vista de uma pessoa que apesar de ter vivido no Amapá, saiu do estado para residir em outro local e retornou naquele período apenas a passeio, vivenciando a crise energética com a vivência de alguém acostumado a uma realidade diferente à de quem estava vivendo no estado.

As perguntas das entrevista foram enviadas e as respostas dos entrevistados foram enviadas de acordo com o horário livre de cada um. O formato das respostas variava entre mensagens digitadas e mensagens de áudio, entretanto, a pedido do próprio entrevistador, a maioria das respostas eram feitas no formato de mensagens de áudio, para com este recurso facilitar a naturalidade das respostas e assim estimular a riqueza de detalhes de cada relato dado pelos entrevistados.

As perguntas eram focadas em algum tópico dentro do relato do apagão, mas eram brandas o bastante para estimular a liberdade dos entrevistados em suas respostas. As perguntas tinham o objetivo de serem apenas guias para nortear os relatos, deixando sempre margens para o entrevistado relatar o máximo de recordações possível, mesmo que acabasse fugindo da interrogação inicial. Essa liberdade nos relatos era a essência do objetivo da reportagem, então foi ressaltado aos entrevistados que poderiam a cada pergunta desdobrar a resposta da forma como achar necessário para a maior imersão dos fatos.

No dia 10 de outubro de 2023, o contato foi feito com Vanessa Moura, que na época do apagão tinha 20 anos, e diferente dos outros entrevistados, ela estava residindo em Macapá mas tinha família em outro município do estado, o Laranjal do Jari, fato este que a fez passar pouco tempo na capital e logo se mudar para perto da família durante o apagão, já que neste município o fornecimento de energia não foi afetado, por ele ser abastecido por uma rede elétrica separada do sistema que engloba a capital e demais municípios afetados com a falta de energia elétrica após a explosão da subestação.

Outro fato que diferenciava das demais pessoas entrevistadas é que Vanessa estava passando por um tratamento de leucemia, doença descoberta no início daquele ano, algo que pesava ainda mais seu relato em meio ao apagão e à epidemia de COVID-19 que se alastrava pelo país e pelo mundo naquele mesmo ano.

Com todas as pesquisas que foram feitas ao início dos preparativos do projeto e sendo feitas as quatro primeiras entrevistas, se iniciou ali o processo de escrita do livro-reportagem.

O planejamento de divisão e organização dos capítulos e tópicos foi o primeiro passo, em seguida, sendo produzidas as primeiras páginas.

O processo de escrita foi longo e pausado, com os intervalos de ociosidade sendo necessários para conciliação com demais atividades externas.

As primeiras partes escritas, correspondentes ao capítulo 1, foram feitas com base nas pesquisas realizadas em sites de notícias e em detalhes complementares advindos da própria experiência pessoal do autor que, valendo ressaltar, é habitante da cidade de Macapá e vivenciou o período do apagão.

Este capítulo foca nos fatos gerais do apagão e a cronologia dos acontecimentos que levaram ao mesmo, descrevendo a série de acontecimentos que antecedem o incidente da explosão na subestação, mas são causas diretas da crise que ocorre posterior ao ocorrido. Fontes de diversos tipos foram consultadas, desde declarações de governantes e representantes de órgãos até o depoimento de civis e fontes documentais publicadas em sites de notícias.

Uma vez que a reportagem situa o leitor do ocorrido em um aprofundamento suficiente para a contextualização, as entrevistas são introduzidas e a narrativa se torna focada nos depoimentos fornecidos.

No dia 10 de abril de 2024 mais uma entrevista é realizada. Luana Laryssa, agente administrativa que na época do apagão tinha 23 anos e era mãe de duas crianças, na época com 3 e 5 anos, foi a última entrevistada e seu depoimento fornecia o ponto de vista de uma mãe de duas crianças que enfrentou o período do apagão.

Todas as entrevistas foram feitas de forma online. A primeira entrevistada não morava no Brasil no período de contato, então, foi contatada à distância. Para dar igualdade à voz de todos os entrevistados sem que um relato protagonizasse o outro, escolhi manter o mesmo padrão de entrevista com todos.

Outra entrevistada, Ana, também não morava mais no estado no período de entrevista, reforçando a escolha. Mesmo perdendo alguns detalhes que a entrevista presencial pode proporcionar, acredito que a compreensão do relato em memória de todos forma um conjunto de narrativa que compensou esta falta, pois prezei pelo conjunto dos relatos acima de privilegiar um ou outro diálogo com a presencialidade, o que não era possível em outros relatos.

Finalizadas todas as entrevistas, os recortes de informações e citações de fala foram destacados e decupados em uma planilha do programa *Microsoft Excell*, onde puderam ser organizadas de maneira cronológica e os trechos de depoimentos de cada entrevistado puderam ser entrelaçados em uma única narrativa, uma única linha do tempo que costurava os trechos de cada vivência entre os entrevistados, de uma forma natural e que fazia sentido dentro de um contexto maior que era o livro-reportagem.

A escrita foi retomada nos capítulos que envolviam os depoimentos de entrevistados, onde a narrativa seguia inserindo os pontos de vista de cada entrevistado a partir do primeiro dia de apagão e seguia intercalando os personagens em foco a cada dia e acontecimento marcante do apagão que se seguia.

Conforme foram se passando os meses de escrita, informações adicionais como datas acontecimentos e detalhes de fatos do período eram consultados na internet, que servia de base para a estruturação do livro-reportagem como trama imersiva tal qual uma obra literária, e enriquecida o conteúdo factual da obra.

O final da escrita do livro-reportagem se deu por volta do dia 18 de julho de 2024, com a conclusão do último capítulo que finalizava a narrativa do apagão e alcançava as consequências posteriores do ocorrido. Concluído estava, neste momento, o produto, que em seguida também passaria por pequenos ajustes de correções e revisão do conteúdo, além de sua formatação ao final de tudo para a diagramação desejada.

Para a escrita, foi escolhida foi uma mescla livre de estilos e funções que, mesmo mantendo a essência da documentação do fato, entregou-se ao estilo de texto opinativo, onde houve forte presença de abordagem do sentimental e psicológico de cada personagem e críticas e análises das situações. As perguntas que o Lead busca responder foram mantidas, mas ele não foi tomado como prioridade na ordem de fatos escritos e a pirâmide comum literária foi o formato de escrita.

Enquanto estava sendo produzido a escrita do livro, ocasionalmente alguns contatos com entrevistados eram retomados, para algumas perguntas pontuais de dúvidas que surgiam durante a escrita, mas eram momentos curtos de interação esporádicos com os 5 entrevistados do livro-reportagem.

Como um dos principais objetivos era dar voz aos indivíduos que não tinham esta oportunidade, e o foco do livro-reportagem era no depoimento pelo ponto de vista dos mesmos,

fazia sentido conceitualmente que apenas estes que deram seus relatos fossem entrevistados, sem mais fontes entrevistadas — demais informações foram coletadas da mídia em jornais e portais de notícias.

Este livro não possui imagens, o foco se debruçou inteiramente no texto, na descrição literária da história, e sua diagramação foi feita pelo próprio autor, seguindo em seu formato inspirações em obras que o mesmo consumiu na produção do próprio livro, sendo de certa forma uma homenagem, como Páginas Ampliadas de Edvaldo Pereira Lima ou A Reportagem de Nilson Lage, embora com alguns toques de diferenciação em alguns pontos. A fonte escolhida para o corpo do texto foi *Baskerville Old Face*, de tamanho 10 e espaçamento 1,5.

5 CONCLUSÃO:

O apagão elétrico no estado do Amapá foi um recente marco negativo na história do estado, que dificilmente abandonará a memória dos cidadãos que o vivenciaram. Foi um período lembrado por muito além da dificuldade, mas também pelas enormes perdas que inúmeras pessoas sofreram, em vários âmbitos de suas vidas. O caos não se limitou apenas aos 22 dias sem abastecimento elétrico, como também perdurou com a exposição da fragilidade da administração dos recursos básicos amapaenses e a negligência constante na fiscalização e manutenção dos mesmos.

O limite do descaso levou ao extremo das calamidades, e a batalha mais árdua foi exigida dos que mais eram vulneráveis naquele momento: a população. O povo, refém da insalubridade e desumanização, foi quem mais sentiu as dores do apagão, portanto, é a voz que mais deve ser ouvida, relatada e difundida. O compromisso essencial do jornalismo, no fim das contas, é com a luta pela justiça e pela verdade, tomando justamente a forma da voz para quem normalmente não a teria, e foi este o ideal-guia para cada página deste trabalho. Um registro do povo ao povo.

Ao fim deste trabalho, foi possível assimilar a resposta às duas perguntas que guiaram sua produção — “como se deu a sobrevivência naqueles dias? Como foi passar pelo apagão?”. A sobrevivência em meio àqueles dias foi uma árdua luta contra as circunstâncias onde a criatividade, resiliência e persistência foram chaves para atravessar aquele período da forma menos danosa possível.

Esta luta complexa e longa foi destrinchada nas páginas do livro-reportagem em detalhes, expondo como foi passar por aquele período: uma agonia latente e sofrida, que teve

de ser sentida e superada dia após dia até a energia retornar. A satisfação temática que o formato entregou ao produto final justificou a escolha de livro-reportagem como forma perfeita para esta reportagem, respondendo à questão do memorial de que esta era sim a escolha ideal para o produto

Foi possível atingir os objetivos gerais deste trabalho, primariamente falando sobre o geral, onde foi obtido um relato documental geral narrativo que abraçou a vivência popular das testemunhas, a própria reportagem em sua riqueza de detalhes e pontos de vista demonstra isto, o produto em si formado é o relato, é sua intenção tomada forma finalmente. Dentro disto, foi possível dar voz a pessoas que a mídia convencional não alcança, e isto se deu com o registro e expressão de 5 entrevistados que vivem como cidadãos comuns fora do foco da grande mídia e que nunca haviam dado seu relato à um produto jornalístico deste fato. No livro, foi montada a cronologia dos fatos e acontecimentos tanto com base em fontes de notícias quanto com os relatos dos dias, esta foi a narrativa.

Também foi detalhado e listado pontualmente as ferramentas e formas de atravessar dificuldades de cada um que deu entrevista, todos tinham algo a relatar e acrescentar sobre esta pergunta e isto foi registrado. Ao fim, os depoimentos também expressaram seus sentimentos e impactos psicológicos mediante o apagão, assim, cumprindo mais um objetivo ao registra-los no produto.

Este livro-reportagem reúne os relatos de 5 cidadãos comuns do Amapá que vivenciaram o apagão e destrincha seus relatos, nos ilustrando perfeitamente como foi estar na pele de alguém que experienciou o apagão com cada ponto de vista abordado, e a liberdade narrativa e de extensão do livro-reportagem em si foi o que possibilitou que este resultado fosse alcançado sem insuficiências.

Vale ressaltar a importância e o valor da atividade jornalística voltada ao depoimento pessoal, ao ponto de vista pessoalizado, onde o diálogo consegue extrair detalhes e verdades de um relato que muitas vezes poderia ser ignorado.

A aplicação da narrativa e da descrição no ponto de vista de alguém do povo, que não detém sozinho a influência midiática, leva esta pessoa ao patamar de visão do leitor. Normalmente, esta visão do leitor somente estaria na superfície dos fatos noticiados ou na palavra de figuras de poder, mas trazer a ótica do leitor ao relato da ótica do povo, que é, mesmo que as vezes abafado, a voz mais crucial num evento social, aproxima o povo do povo, o

humano do humano, o cidadão do cidadão. O registro e a memória, assim, perpetua-se sem perder a gravidade. O sentimento, a profundidade e o impacto mantém-se, na memória do povo e na memória de quem deveria servir ao povo, que é o estado e a organização social.

6 REFERÊNCIAS:

APAGÃO no Amapá completa um ano: entenda as causas. **Cidade Verde**. 12 de nov. de 2021. Disponível em: <https://cidadeverde.com/energiaativa/116129/apagao-no-amapa-completa-um-ano-entenda-as-causas>. Acesso em 03 de jun. de 2025

COSTA, Daniel; SILVA, Fernando. O CONCEITO DE “LIVRO-REPORTAGEM”: Subsistema jornalístico e suporte editorial. **IX Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais (ECOMIG)**. Belo Horizonte - CEFET-MG (Campus II), 2017. Disponível em: <https://anaisecomig.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/o-conceito-de-livro-reportagem.pdf>.

DIANA, Daniela. **Gênero textual Entrevista**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-entrevista/>. Acesso em: 3 jun. 2025

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Observador do mundo, 2001. Disponível em: <https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 15/05/2025.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. Observador do mundo, 1986. Disponível em: https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Linguagem_comp_.pdf. Acesso em: 16/05/2025.

LIMA, Edvaldo pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

POLKE, Ana Maria Athayde. Pesquisa Bibliográfica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 43-54, mar. 1972.

PORTO, Jadson; TOSTES, José Alberto; GOMES, Andréa Figueiredo (org.). DE APAGÃO A APAGADO: ensaios sobre a questão energética amapaense. Maringá: UNIEDUSUL, 2021. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/wp-content/uploads/2021/03/E-BOOK-DE-APAGAO-A-APAGADO.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

OLIVEIRA, Adriana Seibert; BERND, Zilá. Livro-reportagem: um produto cultural a serviço da memória. Interfaces Brasil/Canadá, [S.L.], v. 21, p. 1-25, 30 out. 2021. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/interfaces.v21i0.21478>.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO., 19., 2006, Brasília. *Anais [...]*. [S. L.]: Intercom, 2005. p. 5-6.

PAIXÃO, Josi, **Ação do MPF pede indenização de até R\$ 70 bilhões por danos morais para famílias afetadas por apagão no AP**. G1 Amapá, Macapá, 07 de fev. de 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2025/02/07/acao-do-mpf-pede-indenizacao-de-ate-r-70-bilhoes-por-danos-morais-para-familias-afetadas-por-apagao-no-ap.ghtml>. Acesso em 3 de jun. de 2025

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de redação: o texto nos meios de informação*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

VILARDO, Beatriz Ostwald Luz. O LIVRO-REPORTAGEM NO CONTEXTO DO JORNALISMO E O CORRESPONDENTE INTERNACIONAL COMO JORNALISTA-AUTOR. Miguel, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 55-71, 16 jun. 2020. LAGE.